

Intercâmbio com a Escola Naval Inglesa

Aspirantes: Jônatas Antunes de Lima e Daniel de Sousa Chaves

O intercâmbio que fizemos com a Marinha inglesa foi realmente um grande aprendizado. Este tipo de atividade é de suma importância para a formação de um oficial, pois naqueles dez dias constatamos que havíamos crescido profissionalmente, culturalmente, além de termos aberto nossos horizontes. Foi uma chance única de compararmos a rotina e a desenvoltura de jovens oficiais da Royal Navy com as atividades aqui desempenhadas, na Marinha do Brasil.

A Escola Naval inglesa fica na cidade de Dartmouth, no sul da Inglaterra as margens do rio Dart, a 400 quilômetros de Londres. Chegamos à academia inglesa numa quinta-feira à tarde, e como é comum nessa época do ano, a temperatura era baixa (entre 2°C e 5°C) e o céu nebuloso. Fomos recebidos por dois cadetes muito prestativos, e apesar do nosso conhecimento da língua, tivemos alguns problemas para compreendê-los. O sotaque britânico era bastante carregado e, além disso, os jargões utilizados nos trouxeram certas dificuldades, porém nada que em alguns dias não fosse superado.

Primeiramente fomos levados aos nossos quartos, que apesar de simples mostravam-se bastante acolhedores. Em seguida, conhecemos as instalações da Escola e ficamos muito impressionados, pois tudo era bastante antigo, porém muito bonito e sofisticado. O prédio principal da academia havia sido reformado, já que durante a Segunda Grande Guerra Mundial, uma bomba o atingira. Assim, como ocorre em toda a Inglaterra, com a reforma veio a modernização, mas nunca deixando que se apagasse a história. A prova disto era a presença de uma sala repleta de computadores de última geração onde se podia estudar e acessar a internet, ao lado de um salão nobre onde havia uma grande estátua de mármore de Nelson. Também nos chamou a atenção a forma afável com que nos tratavam, pois onde passávamos todos nos cumprimentavam e queriam saber de onde éramos.

Apesar de uma chegada bem tranqüila e acolhedora, nossos próximos dias iriam ser muito mais emocionantes e agitados. Participaríamos de um exercício chamado MARL – Maritime Leadership, o qual era a fase final para a graduação na Britannia Royal Naval College. Vale ressaltar que fomos avaliados com o mesmo rigor que os ingleses, e obtivemos um excelente resultado, tendo sido inclusive elogiados pelo oficial diretor do exercício.





O MARL é um exercício que visa avaliar a capacidade dos militares trabalharem em equipe, e assim tendo que exercer a liderança, tomando decisões rápidas e precisas. Além disso, expõem os cadetes a situações extremas, com poucas horas de sono (numa média de duas horas de sono diárias) e uma rotina muito intensa.

Tivemos a sexta-feira e o sábado para nos familiarizarmos com as nossas equipes antes de iniciar a operação. Podíamos suspender com os navios de instrução, para treinarmos as atividades a serem realizadas, sem a presença de um oficial; e assim percebemos o grau de responsabilidade dos cadetes.

Na tarde de sábado recebemos todo o material necessário para a operação. Mochila, boot, capas impermeáveis, ração, saco de dormir e mais alguns uniformes para que pudéssemos enfrentar o frio. Começamos a desconfiar de que não seria nada fácil.

No domingo pela manhã participamos de um briefing com um oficial superior que era o responsável pelo exercício. Com as explicações dadas entendemos a cinemática do MARL e que os cadetes já vinham se preparando para este exercício por volta de dois meses. Confirmamos então nossas expectativas, não seria nada fácil.

Para enfrentar a rotina que seria dura pelos próximos quatro dias, os grupos se reuniram na noite de domingo no centro da cidadezinha de Dartmouth, num restaurante tradicional, para amenizar a dificuldade que estava por vir. Esses poucos instantes foram extremamente importantes, pois pudemos conhecer

melhor as nossas equipes e estreitar os laços de amizade, já que dependeríamos constantemente uns dos outros.

O exercício começou na segunda-feira, após termos conhecidos nossas equipes (eram 6 navios de instrução e cada um lotava 7 cadetes e um oficial, o avaliador) e treinadas certas atividades que iríamos executar durante o MARL, como fundeios de precisão, sondagens, exercício de homem ao mar e reconhecimento de cabeças de praia. Exercícios estes que eram indispensáveis na resolução da situação hipotética que nos foi apresentada – tínhamos a incumbência de dar apoio logístico e humanitário para uma população que vivia os horrores de uma guerra e ainda havia sido devastada por um furacão.

cão.

A cinemática da operação era a seguinte: recebíamos um cartão às quatro horas da manhã contendo as informações necessárias para nossa primeira missão do dia. A partir daí tínhamos que planejá-la e em seguida dar um briefing para todos os componentes do grupo e para um oficial que nos avaliava. Após isto, tínhamos que executá-la até as dez horas da manhã, quando recebíamos outra missão e tudo se repetia. No fim de cada dia ainda havia uma reunião com todas as equipes num navio, que ficava atracado no cais da Escola e era usado como sala de aula, e os oficiais avaliavam as ações tomadas pelos "Young Officers", propondo mudanças e os elogiando quando cabia. Era um total de quatro missões por dia, nas quais nós e os cadetes nos revezávamos nas diversas funções a bordo, como Oficial de Manobra, Imediato, Encarregado de Navegação, entre outras.

Realizamos várias atividades interessantes. Fomos escalados para tudo, já que éramos os estrangeiros da operação. Fizemos patrulha no rio Dart a bordo de lanchas, abordando possíveis traficantes (oficiais disfarçados), desembarque em cabeça de praia, resgate de feridos, escolta de refugiados, manobra de homem ao mar (no padrão brasileiro) e pista noturna de primeiros socorros.

Quando a operação terminou na quinta-feira estávamos exaustos. Maltratados pelo frio, poucas horas de sono, trabalho intenso e pouca comida nos fez chegar ao nosso limite. Mas com o fim da operação tínhamos a certeza do dever cumprido.

No dia seguinte fomos receber o resultado do treinamento na sala do oficial avaliador. Saímos vitoriosos. Felizmente conseguimos obter êxito nesse difícil curso de liderança, cientes de que tínhamos superado os nossos limites, tendo em vista que alguns cadetes ingleses foram reprovados e teriam que realizar o estágio novamente no ano seguinte para concluir a sua formação.

Além do aprendizado com o exercício, tivemos tempo para aprender sobre a estrutura da Marinha Inglesa. Alguns aspectos em especial chamaram nossa atenção, como por exemplo, a presença de cadetes femininas que correspondem a 13% do efetivo e trazem um ar diferente ao Britannia Royal Naval College. Além disso, eles também possuem cadetes oriundos de outras Marinhas, como é o caso do Kuwait, em que todos seus oficiais devem passar obrigatoriamente por esta academia.

A rotina dos cadetes ingleses é bem diferente da nossa. Para eles todas as atividades são facultativas com exceção das aulas e práticas esportivas. Eles não são obrigados a comparecer às refeições e não existe um horário fixo para as mesmas.

Não existe tanta diferença entre as turmas como no Brasil, pois lá o intervalo de ingresso entre turmas diferentes é muito pequeno. Mas, mesmo assim todos se respeitam e mantêm um tratamento cordial como é de praxe para os ingleses.

O processo seletivo para ingressar na Escola Naval inglesa é bem semelhante ao do PSAEN. A Inglaterra não conta com nenhuma instituição que se equivalha ao nosso Colégio Naval e sendo assim, todos devem fazer uma prova que se equipara a um vestibular. O efetivo deles é de aproximadamente 600 "Young Officers", e há seis períodos de admissão por ano. Desta maneira, também observamos que o curso britânico não é dividido por anos escolares, mas sim por 4 módulos de 18 semanas e as turmas são conhecidas pelo ano e estação em que se matricularam, como, por exemplo, Verão de 1994.

Chegando ao final do exercício, após quatro dias de operações e alguns dias acompanhando a rotina dos cadetes, concluímos que a for-

mação dos oficiais ingleses difere bastante da brasileira. A primeira diferença é que 80% dos cadetes já entram na academia graduados em algum curso de nível superior, e assim necessitam de apenas um ano e meio para se formarem e ingressarem na vida embarcado. Com isso, a média de idade dos cadetes ingleses é um pouco superior a nossa, sendo em torno de 23 e 24 anos. Sendo assim, os cursos são bastante diversificados. Existem várias especialidades, tais como: engenheiros elétricos, nucleares, eletrônicos; médicos; aviadores navais; intendentes; analistas de sistemas e a armada. Os fuzileiros navais ingleses se formam em uma outra escola, mas também são subordinados à Marinha. Outra diferença é a ênfase dada em matérias como liderança e planejamento estratégico de operações ainda na escola de formação, o que no Brasil só acontece nos cursos para um oficial já mais antigo.

Por outro lado constatamos que nossa formação técnica marinheira é bem superior à deles. Tivemos muito orgulho em sermos capazes de assumir a manobra dos navios de uma Marinha extremamente tradicional e competente, e desempenhar corretamente as missões que nos foram propostas. Sendo assim, regressamos ao Brasil com a prazerosa sensação de dever cumprido, e ainda mais motivados para contribuir com o desenvolvimento de nossa nação.

